

1 Introdução.

Lo que molesta más en Cézanne es la testarudez con que, delante de un queso, se empeña en repetir: “esto es un queso”¹

Este trabalho foi muito difícil de escrever. A obra de Hans-Georg Gadamer (1900 – 2002) é um desafio por muitos motivos, que não são somente teóricos. Para começar, ele também, igual que Cézanne, insiste em mostrar-nos uma e outra vez aquilo que está diante dos olhos.

Hans-Georg Gadamer não é historiador. Sua reflexão é filosófica e, portanto, não tem por objetivo tratar especificamente da discussão sobre a historiografia. Isto significa uma dificuldade relacionada com o estilo que é próprio da nossa disciplina, em que estamos mais acostumados a procurar generalizações do que a esmiuçar conceitos. Por incrível que pareça, isto acontece inclusive em vertentes como a própria história dos conceitos, que serve também como um exemplo do tipo de história de que estou falando, justamente por propor-se como uma alternativa à história tradicional. Ao longo do *Futuro passado*, a *Begriffgeschichte* se apresenta como uma tentativa de historicização de conceitos que têm sido naturalizados pelo uso e pelo próprio tempo. Apesar de concentrar-se no período entre 1750 e 1850, Koselleck quer mostrar de que maneira a história conceitual pode ajudar-nos a compreender mudanças no pensamento e pode ser utilizada como um método de pesquisa válido para outros momentos históricos.

No entanto, no último capítulo de *Futuro Passado*, Koselleck separa dois planos em que o historiador se movimenta: “Ou ele analisa fatos que já foram anteriormente articulados em linguagem ou então, com a ajuda de hipóteses e métodos, reconstrói fatos que ainda não chegaram a ser articulados, mas que ele revela a partir desses vestígios”². Nestes dois planos portanto, o historiador lida ora com a linguagem das fontes, ora com categorias científicas que, Koselleck adver-

¹GIRONDO, Oliverio. *Obra completa*.

²KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. p. 305.

te, não deveriam confundir-se. Isto posto, ele propõe duas categorias (científicas) que corresponderiam à análise histórica: o *espaço de experiência* e o *horizonte de expectativa*. Mas isto se transforma em um problema quando se postula que, para não prejudicar a pretensão sistemática da *Begriffsgeschichte*, será necessário renunciar à historicização dessas categorias.

Renunciaremos conscientemente a deduzir a origem histórica dessas expressões, de certa forma contrariando a exigência metodológica a que o historiador profissional dos conceitos deve submeter-se. Na investigação existem situações em que o abster-se de perguntas sobre a gênese histórica pode aguçar mais o olhar que se dirige à própria história. Em todo caso, a pretensão sistemática a que aspira o nosso procedimento se torna mais clara quando, em um primeiro momento, renuncia-se a historiar a própria posição.³

Devemos pensar então que as categorias analíticas não respondem ao critério de historicidade que comanda os outros conceitos? Ou se trata de uma exceção feita somente a essas duas categorias? Entende-se que a intenção de Koselleck é sustentar um método sistemático de explicação baseado nas categorias de espaço de experiência e horizonte de expectativa, que seriam o espaço e tempo da história. Mas cabe perguntar, novamente, se é válido sacrificar a historicidade fundamental dos conceitos e da compreensão para sustentar a validade do método. Com isto não quero sugerir que as categorias analíticas não possam ser utilizadas, mas ao contrário, que sua utilização se fundamenta, se modifica, e assume um significado, pela sua historicidade. Junto a essa tese, que Koselleck tão brilhantemente expõe nos primeiros treze capítulos do livro, temos que reconhecer que as categorias analíticas também modificam o mundo, na mesma medida em que o fazem os outros conceitos. E tal modificação não se refere somente ao estudo do passado, pois as categorias com que o pesquisador lida com seu próprio mundo também não são estáticas ou faltas de significação histórica, como é o caso do próprio conceito de horizonte, que tem uma história pródiga (ver cap. 2).

Se Koselleck está certo, e os conceitos atuam no mundo na mesma medida em que o descrevem, e não é possível “dizer que alguma coisa é, sem dizer o que ela é”⁴, então é preciso pensar que as categorias que utilizamos para descrever o mundo são de uma importância imensa, pois não podemos evitar que o modifiquem. Elas já configuram um certo sentido, uma direção em que as coisas devem

³Ibidem. p 306.

⁴KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. p. 305.

ser compreendidas, antes inclusive de analisá-las, pré-configurando nosso entendimento sobre elas. Pensemos somente como exemplo nas diversas consequências políticas que decorrem de referir-se à tomada do poder político pelas forças armadas em termos de “golpe de estado” ou de “revolução”, à situação dos países pobres em termos de “subdesenvolvimento”, ou à guerra no Iraque como “combate ao terrorismo”. Nesse sentido, não é menos significativo olhar para a história usando o binóculo do par “amigo-inimigo”. Com o estabelecimento transcendental destas duas categorias, (*espaço de experiência e horizonte de expectativa*) Koselleck de fato pretende escapar ao “turbilhão sem fim da historicização.”⁵ Mas esta fuga parece a todas luzes impossível. É próprio da história, e para o caso, da vida, escapar às categorias que pretendem deter a mudança que o próprio tempo opera. Foi a História moderna quem nos ensinou isso, mas ela também nos deu a ilusão de que a posse da consciência do efêmero do tempo, nos permitiria controlá-lo. Essa ilusão é a premissa de Gadamer, e o seu caminho o descobrimento da sua falsidade.

Veremos que *Verdade e método* (1960), sua obra fundamental, é histórica nos seus alicerces, e responde ao problema da crise das idéias de consciência e de representação mental do mundo⁶, da qual Gadamer foi participante ativo. Esta crítica tampouco é muito freqüente para os historiadores, pelo menos não nos termos aqui discutidos. Nesse horizonte, seu trabalho se dirige particularmente pelo fenômeno da compreensão, que é considerado a característica fundamental do homem. Com isso, o pensamento hermenêutico afeta diretamente a discussão sobre a nossa disciplina. Em palavras do próprio Gadamer no prólogo à segunda edição de *Verdade e método*: “minha verdadeira intenção era e continua sendo filosófica; não está em questão o que fazemos nem o que deveríamos fazer, mas antes o que acontece conosco por cima do nosso querer e fazer”⁷.

Esta frase permite extrair no mínimo duas considerações a respeito da hermenêutica. A primeira é sem dúvida que, e apesar do título da sua obra, Gadamer não pretende desenvolver uma discussão metodológica, pelo menos não nos moldes tradicionais, das ciências humanas. Ele não está preocupado com definir o

⁵Ibidem. p. 309.

⁶ Cf. DELACAMPAGNE, Christian. *História da filosofia no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001; CÔRTEZ, Norma. Descaminhos do método. Notas sobre história e tradição em Hans-Georg Gadamer. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 274-290, jan/jun. 2006.

⁷ GADAMER, Hans-Georg. *Verdad y método*. Barcelona: Sígueme, 1993. p. 10.

que fazemos ou deveríamos fazer. A segunda, muito mais perturbadora, é que a frase assume o fato de que alguma coisa acontece (termo fundamental da hermenêutica gadameriana) quando compreendemos. E isso que acontece está inexoravelmente fora do nosso controle, ou seja, em um momento anterior a nossas intenções ou ações a respeito de um objeto. É exatamente nesse ponto que a reflexão gadameriana penetra na discussão e debates historiográficos (principalmente no quesito “estatuto epistemológico”), pois se é verdade que nossos métodos não são capazes de controlar o que fazemos, então: que tipo de *cons-ciência* é a História? Convém observar que essa é justamente uma das perguntas que norteiam os debates acadêmicos atuais e de sempre, o que põe em evidência a relevância de se considerar a reflexão gadameriana como contribuição.

O conceito de jogo não é uma novidade. Ele tem passado por diversas reformulações, e tem sido utilizado por intelectuais de diferentes áreas do conhecimento. Apesar das especificidades de cada disciplina, o conceito de jogo possui uma história articulada em um diálogo que envolve nomes como Immanuel Kant, Schleiermacher, Friedrich Nietzsche, Edmund Burke, Friedrich Schiller e W. Friedrich Hegel, mas também Aristóteles, Platão, e Santo Agostinho⁸. Tal diálogo tem importância fundamental para uma concepção hermenêutica que se propõe como crítica do conceito de ciência hoje aplicado às humanidades. Evidentemente, não é factível recuperar semelhante discussão por completo, pois a tarefa demandaria tempo, espaço e preparação de que não disponho, e por isso este trabalho pretende lidar exclusivamente com as considerações a respeito do jogo que se encontram no trabalho de Gadamer. Através da exegese da filosofia hermenêutica, que é também uma crítica (uma história) da filosofia, será possível traçar caminhos por entre essa intrincada conversa, que ajudem a compreender melhor a nossa prática. A intenção deste trabalho é a de transpassar as férreas divisões entre Estética e História⁹, que fizeram com que cada disciplina conjurasse um passado e umas bases próprias, incomensuráveis e impossibilitadas para o diálogo. A esse respeito, Hans Robert Jauss lembra que antes da época da arte clássica na Alemanha, o conhecimento e o prazer (as atitudes teórica e estética) dificilmente se diferenciavam¹⁰.

⁸ “Spiel”. In: RITTER, Joachim, GRÜNDER Karlfried (Eds.). *Historisches Wörterbuch der Philosophie*. Vol. 9 pp.1384-1390.

⁹ Em maiúsculas a denominação da disciplina.

¹⁰ JAUSS, Hans Robert. *Aesthetic experience and literary hermeneutics*. Minesota: University of Minesota, 1982. p. 22.

Pensar tais discussões isoladamente desconsidera o fato de que as divisões do conhecimento são em última instância artificiais, e se nossa intenção for a de compreender melhor, muitas vezes estéreis. No final das contas, a definição de novas áreas de conhecimento é uma decisão inteiramente nossa, e se relaciona muito mais com aquilo que nos preocupa hoje, do que com aquilo que nos fez defini-las no passado. Esta separação é, de fato, nosso primeiro preconceito, no qual devemos aprofundar-nos para compreender por que pensamos história, filosofia ou estética da forma como as pensamos, e quais os limites e censuras que nos colocamos em nome da classificação, que hoje se confunde com a cientificidade.

O principal objetivo desse trabalho é por isso, o de contribuir para a ampliação dos debates teóricos e para a melhor compreensão histórica das tradições intelectuais que modelam e conformam a historiografia contemporânea, entendendo que ela não pode ser separada da tradição à qual pertence, e que esta tradição transcende amplamente o território que hoje atribuímos à história. Para isso, será necessário posicionar a reflexão gadameriana no atual debate historiográfico. Não quero com isto dizer que será realizado um esforço comparativo entre o pensamento de Gadamer, e outros teóricos da história, embora isso possa vir a acontecer em alguns momentos. Em primeiro lugar porque não se pode atribuir a Gadamer uma teoria nem uma filosofia da história particular, e em segundo lugar porque isso seria uma violência ao seu pensamento. Considerando o caráter limítrofe dessa pesquisa, resultará muito mais produtivo resgatar a historicidade das matrizes teóricas e intelectuais do conceito de *jogo* na sua obra, e assim compreender seu rendimento no contexto do pensamento da hermenêutica filosófica. O *jogo* é, de fato, central para entender sua relação com a História como disciplina. Nesse sentido, pretendo analisar as decorrências da aplicação do conceito de *jogo* como fio condutor de uma explicação ontológica, pois acredito que tal perspectiva modifica a prática historiográfica e seus pressupostos de verdade. Mais ainda, ela acaba desfazendo a tradicional distinção entre conhecimento, pensado aqui como um evento histórico, e experiência artística. Tudo isto é possível porque o conceito de *jogo* articula uma série de considerações estéticas, lingüísticas e históricas em novos termos, que permitem reposicionar a discussão teórica em torno da historiografia.

A ordem da leitura não é obrigatória. Poderia ter sido 2-3-1, assim como 3-2-1, ou então 2-1-3. O que importa é que eles formam uma certa unidade autorreferencial, que se relaciona com a forma em que a estrutura do jogo foi aparecendo. Por isso o texto pode ter ficado um pouco repetitivo. Foi preciso retomar em diversas oportunidades os mesmos textos, ou os mesmos autores, de maneira a não reduzir o pensamento de Gadamer a um jogo de oposições ou soluções a problemas da filosofia, que não tem nada a ver com o que sua hermenêutica se dispõe a fazer. O trabalho foi orientado como um ir e voltar entre os textos, que permitisse identificar as discussões e os sentidos mais “corretos” para entender a posição gadameriana. Por isso peço aos leitores que mantenham sempre presentes as ideias de expansão, de construção e de compreensão que norteiam esta aproximação.

O primeiro capítulo é uma exploração do conceito de estética que sustenta a filosofia hermenêutica. A via da estética não é uma escolha arbitrária para tratar do conhecimento, e significa, em primeiro lugar, toda uma reformulação do que se entende por estética. Reformulação esta, que escolhi tratar partindo do problema que a exige, assumindo que, como ensina Gadamer, toda teoria é uma resposta a uma pergunta. A pergunta que aparece mobilizando a discussão da hermenêutica é a de porque a arte é entendida como um fenômeno tão desamarrado do resto do mundo que não oferece nenhum tipo de ensinamento. O conflito se apresenta ao constatar que tal autonomização é um fenômeno relativamente recente, que porém tem se naturalizado ao ponto de passar sem ser questionado. E contudo, apesar desta inquestionabilidade da arte, ela parece sempre colocar uma pergunta para quem a aprecia, que não se resolve em descrições formais nem responde a critérios estritamente estéticos. O que se questiona então, é até que ponto é possível separar a apreciação estética do conhecimento sobre o homem, e até que ponto esta separação excludente não é um desenvolvimento cuja atualidade precisa ser questionada.

O segundo capítulo lida com questões e formulações filosóficas e vivenciais que afetaram diretamente o trabalho de Gadamer. O propósito original desse capítulo era o de realizar um levantamento das diferentes teorias com as quais Gadamer teve contato durante a formulação da sua teoria hermenêutica. Mas logo

no início foi evidente que isso seria impossível, dada a magnitude da empresa, um erro que os estudantes costumamos cometer. Mas ao mesmo tempo, foi aparecendo também com mais clareza que o que importava para entender em quais condições aparecia uma filosofia hermenêutica fundamentada na estética, não era tanto a infinita diversidade de teorias com as quais Gadamer conviveu. Eram mais esclarecedoras de fato as experiências pessoais que levaram Gadamer a pensar da forma que pensou. Por experiências pessoais não estou me referindo, claro, a sua vida privada, embora isto tampouco possa ser deixado de lado. Mas é que o próprio caminho do seu aprendizado foi vivido como um caminho de vida, e as assimilações ou disputas em que se envolveu diretamente durante a sua vida dizem muito mais sobre a sua filosofia do que qualquer tipologia ou esquema interpretativo que tratasse de encaixá-lo no “mosaico” da filosofia contemporânea.

O terceiro capítulo representou o desafio de explicar coerentemente a relação entre *phronesis*, *jogo* e *Bildung*, sem reduzir nenhuma delas a nenhuma outra. A dificuldade está em que essas três concepções se modificam reciprocamente, de maneira que tampouco podem ser isoladas uma da outra. Talvez nessa conformação apreça com mais clareza do que em qualquer outro lugar o ânimo de continuidade que é a alma da hermenêutica filosófica. Elas perpassam a história da filosofia, e articulam a noção da experiência e da compreensão como um contínuo mudar e retornar, ao mesmo tempo que expressam a imbricação de arte e conhecimento reformulando radicalmente a noção de representação.

A respeito das edições utilizadas, com algumas exceções, infelizmente na maioria dos casos foi impossível o acesso aos originais, de maneira que houve que conformar-se com traduções ao português, ao espanhol, ao francês ou ao inglês. Sempre que disponíveis, realizaram-se comparações entre diferentes traduções, para assim compreender mais corretamente o sentido dos textos.

O trabalho que segue pretende colaborar para uma maior clareza sobre a atitude do pesquisador na disciplina história *hoje*. Isso não significa que as discussões apareçam clara e evidentemente, nem que uma tal evidência seja desejável ou sequer possível. Significa apenas uma tentativa de entender melhor por que entendemos como entendemos.